

## Autobiografia

**Isabel Cardoso**

*In Ensinar géneros de texto: conteúdos, estratégias e materiais*

ISBN 978-989-20-9853-1

### Como citar

Cardoso, I. (2019). Autobiografia. In A. Coutinho & N. Jorge (Cords.), *Ensinar géneros de texto: conteúdos, estratégias e materiais* (pp. 40-46). NOVA FCSH-CLUNL.

<https://novaresearch.unl.pt/en/publications/ensinar-géneros-de-texto-conteúdos-estratégias-e-materiais>

# AUTOBIOGRAFIA

ISABEL CARDOSO<sup>14</sup>

---

## CARACTERIZAÇÃO DO GÉNERO<sup>15</sup>

### Caracterização: aspetos contextuais

A *autobiografia* é um género em que as relações entre autor e narrador e as fronteiras algo fluidas entre a matéria ficcional e a experiência real convocam algumas considerações. Afinal, como se apropria o autor do seu passado e o recria com outro significado, almejando, ainda, conquistar uma plateia de leitores?

O conceito de autobiografia, narrativa que alguém faz, retrospectivamente, acerca de si próprio e da sua personalidade, em termos diacrónicos, tem origem na Antiguidade Clássica e percorre toda a Idade Média com aquilo que poderíamos chamar de textos precursores/embrionários deste género; numa fase posterior, aparecem produções autobiográficas a partir dos séculos XVII/XVIII; com produção efetiva, nitidamente, a partir do século XIX (é teoricamente sustentado que a escrita autobiográfica é considerada um fenómeno recente).

Assim, diz-se que a *autobiografia* é “uma narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz da sua própria existência, quando coloca a tónica na sua vida individual, em particular na história da sua personalidade” (Lejeune, 1975) e que “a narrativa autobiográfica procura dar sentido à vida passada e transmiti-lo aos outros” (Hatavara, 2013).

### Caracterização: aspetos organizacionais

A autobiografia consiste no registo de uma narrativa não ficcional, caracterizando-se como uma espécie de retrato interior daquilo que vivenciamos. Consequentemente, tende a ser concretizada por meio de uma estrutura narrativa retrospectiva e englobante, organizada cronologicamente, mesmo quando os episódios narrados se encontram agrupados pela temática que abordam. Dentro da estrutura narrativa surgem encaixadas sequências descritivas, que remetem para a representação de pessoas, objetos e locais, ambientes.

---

<sup>14</sup> Isabel Cardoso é professora na Escola Professor Armando de Lucena – Malveira.

<sup>15</sup> Referências bibliográficas: Hatavara, 2013; Jolly, 2001; Jorge, 2014; Lejeune, 1975; Lejeune, 2003; Reis, 2018; Rocha, 1992.

O eu autobiográfico é produtor textual e personagem, apresentando-se aqui o lado mais íntimo da vida de um indivíduo que resgata acontecimentos do passado e os faz emergir dos recônditos da memória, recuperando-os e efetivando-os através da escrita. Nesse sentido, a autobiografia assemelha-se a outros gêneros como as memórias, o romance autobiográfico, as confissões e o diário, por exemplo.

### Caracterização: do contextual e organizacional às marcas linguísticas

- Sendo um texto marcado pelo *eu*, o seu caráter autoral apresenta-se nas formas verbais de primeira pessoa do singular ou plural, nos pronomes pessoais e nos determinantes e pronomes possessivos.
- O relato tem características retrospectivas e é marcado por localizadores temporais e espaciais, que situam os acontecimentos enunciados em espaços concretos e num tempo passado; conseqüentemente, recorre-se com frequência aos tempos do pretérito (pretérito perfeito simples, pretérito imperfeito, pretérito mais-que-perfeito).
- No relato da narrativa autobiográfica, denota-se a utilização de verbos com caráter epistémico em que o autor / narrador / personagem expressa a sua atitude sobre a verdade ou falsidade daquilo que conta.
- Há, ainda, por vezes, o recurso a verbos de cariz mais perceptivo (**ex.: ouvir, ver, sentir**) como forma de sugerir sensações fortes, quase físicas, ao leitor.

### EXEMPLO DE AUTOBIOGRAFIA (EXCERTO)

#### A FAMÍLIA DO PAÇO

O avô Teixeira, com todo o ar dostoienskiano, casou em Março de 1867 com Justina, filha de José Bento de Bessa, do lugar do Barral. Ele tinha 41 anos quando casou e ela 28, idade que, para uma noiva, era já um pouco avançada, nesse tempo. Explica-se isso porque Justina ficara enamorada desde os sete anos por José, com 20 anos, quando ele a ajudou a passar um ribeiro em dia de invernía e lhe disse que se casaria com ela, um dia. Esse dia chegou a 3 de Março de 1867. O casamento durou trinta e cinco anos, sem que se apagasse nunca a memória do amor da infância e o espírito duma união em que os elementos tiveram a sua parte mais sensível. É possível que fosse em Março que se viram pela primeira vez. Como em Março nasceram quatro dos seis filhos.

O rapazinho à direita é meu pai [remete para a fotografia que acompanha o texto], Arthur Teixeira de Bessa, que foi para o Brasil aos doze anos, por efeito da ruína da casa de lavoura e duma questão perdida em tribunal. Amélia, que foi modelo para *A Sibila*, tinha 17 anos quando o irmão partiu para o Rio de Janeiro, onde esteve vinte e cinco anos e fez fortuna considerável. Uma parte da Rua do Ouvidor pertencia-lhe. Eram tempos airosos de fantasia para quem se fazia ao mundo. Eu tive que abrandar o espírito de aventura e do sabor do ganho não tirei partido. Porém, gosto do triunfo que, para ser desculpado, se diz que é aprovação de Deus. [...]

**Plano de texto**  
Texto de caráter narrativo organizado a partir dos ascendentes familiares:

- Avô

## MEU PAI, O BRASILEIRO

Não gostava que lhe fizessem lembrar a pequena condição do brasileiro de torna-viagem, que, em geral, se ficava pelo negócio do restaurante típico ou pelo armazém de secos e molhados.

O português trabalhava, o brasileiro era funcionário público. **Meu pai**, levado por um tio que tinha comércio de frutas na Baía, foi colocado no Rio, não sei se numa pastelaria onde o deixaram comer doces até os ter por inimigos para o resto da vida. Creio que me transmitiu o desinteresse pelas coisas doces, que eu prefiro o sal e o vinagre. [...]

**A avó Justina** fiava a estriga de linho, tinha um casaquinho de veludo preto que **eu** ainda lhe **conheci** quando lhe tiraram o retrato na soleira da porta. Eu tinha medo dela, já não estava no perfeito juízo. [...]

**Minha avó** morreu tinha eu dez anos.

Foi muito censurado eu não vestir luto carregado. Era nas férias grandes e não há luto que chegue ao Setembro delicioso dos nossos dez anos.

## O TIO DO MATO

Era irmão da minha avó Justina e uma figura tutelar da família. Havia uma ascendência inglesa nessa gente do **Barral**, e creio que por isso se chamaram Leite, por terem a pele muito branca. Loiros claros até ao ouro vermelho. O tio do Mato (**a casa do Mato, junto à estação de Vila Meã**, ainda lá está como uma dacha russa) era uma pessoa de princípios, dessas que se fazem autores das doenças neuróticas da gente lá de casa. Viveu na cidade de **S. Salvador** onde casou, já perdida a juventude e rico, com uma menina de doze anos bonita de morrer, filha dum médico, creio. [...]

## A MÃE

Há uma cena num filme de Manoel de Oliveira, o *Vale Abrão*, em que um desconhecido, num restaurante, lhe oferece um prato de figos. Foi assim que meu pai abordou a jovem Laura, que estava vestida de preto, não por luto mas por promessa. Casaram e não tiveram muitos meninos. **Fui só eu e meu irmão José Artur**. [...]

Amava-me mas sem demonstrações, a educação passava pela disciplina das emoções. Eu pensava que minha mãe não era uma pessoa justa: faltava-lhe a independência que faz a alma imortal. Achou sempre, e meu pai também, que o meu talento era devido a meu irmão e que eu o usurpara, como Jacob a Isaú. Contudo, meu pai mandou dactilografar o meu primeiro romance, e ainda hoje me pergunto o que foi feito dessa senhora Champollion que decifrou o que eu escrevi. Mais tarde, ele pagou a edição de *Os Super-Homens* não porque acreditasse em mim, mas porque não perdia a ocasião de apostar num provável vencedor. Quando *A Sibila* se fez um sucesso de livraria e eu assentei nas letras de direito próprio, ele pareceu um pouco desiludido. Os jogadores não gostam de ganhar. [...]

Devo dizer que nasci na região de Amarante e que sou um produto da região, como o vinho verde, que não embriaga mas alegra. Meu pai, com umas saudades de se converter ao rural depois de muitos anos de vadiagem buliçosa, quando se casou pensou arrumar-se na província. Aborrecia-se de morte, e a casa que comprou em Vila Meã e onde eu nasci vendeu-a logo a seguir. Fomos viver para Gaia e havia defronte um pequeno zoo, não sei se particular. Minha mãe achava que aquilo era uma excentricidade dalgum brasileiro, e não nos deixava visitá-lo.

Meu pai entrou no mundo do espetáculo com o jardim Passos Manuel, um café-concerto com teatro ligeiro, canto, palhaços. E um cinema. Às quintas-feiras **levava-me e deixava-me** em liberdade. **la** para o escritório dele ver fotografias de actrizes que acompanhavam os filmes. Era um mundo de beleza ao alcance da imaginação, e aí tive companhia de grandes astros, de perfil, a

- Pai

- Avó

- Tio

- Mãe

(ordem cronológica)

Marcas linguísticas

- Formas verbais, pronomes e determinantes de 1.<sup>a</sup> pessoa

fumar um cigarro turco. O cinema, os livros e a D. Inês deram **comigo** em escritora. Tudo o que **eu podia** desfrutar do tempo infantil **me parecia** vulgar e estranhamente impróprio para **mim**. **Eu amava** a vida dos adultos, os seus perigos, mistérios, paixões, desgraças. O erotismo da infelicidade depressa o entendi como se fosse a vocação das pessoas.

Por detrás do Jardim Passos Manuel havia o Clube do Porto, que não era uma associação de futebol, mas uma casa de jogo. Pertencia ao **meu** pai, evidentemente, e **meu** tio António ia para lá gastar o ordenado de engenheiro. Jogava mal e, em contrapartida, as mulheres adoravam-no. Percebo porquê: era culto e desprezado de tudo, de dinheiro e de destino. Viajava muito, era estrangeirado e achava Portugal uma terra de tolos que faziam um sobretudo para estar em casa no Inverno. Nunca fez fortuna e tinha um toque de loucura serena que deixava supor qualquer talento desconhecido. Era **meu** padrinho, o que me parecia um parentesco enigmático. [...]

A propriedade de **Águas Santas**, na **Maia**, foi vendida e fomos para a **Póvoa**, onde frequentei o **colégio das Doroteias**. Eu sabia ler na perfeição, mas não sabia mais nada, não tinham ideia da classe em que eu devia ser posta, e por lá andei um pouco mal arrumada, mas feliz com a vida de convento, o jardim onde se faziam os enterros dos grilos que morriam, as freiras que falavam baixo.

[..]

A **Póvoa** foi a grande terra da minha idade de prata. Meu pai tinha obtido a concessão do **Casino**, que antes se destinara a **Viana do Castelo**, e isso determinou a nossa mudança. Primeiro para o **Largo do Chinês** onde havia um **casino** no tipo macaense, mobilado com tremendos móveis de mandarins e lanternas e retratos de belidades nas paredes. [...]

### A PÓVOA EM TODA A SUA GLÓRIA

Era a **Póvoa**, nesse tempo, abrigo de alguns escapados da monarquia, gente ilustre e caída nalgum desprovemento de fortuna. Essa medida pelo antigo regime fez da **Póvoa** uma terra de ideias tidas por veneráveis e sagradas. Mas o que prevalecia era o pescador com o seu génio independente e justo, diferente de qualquer outro clã que houvesse em Portugal. Não tinham leis, tinham costumes. Eu gostei da **Póvoa**, vivi lá os passos mais prometedores da minha vida, entre o sagrado e o profano. [...]

Comecei a pensar na **cidade**, a querer mudar, a querer conhecer novas caras. Lia cada vez mais, sabia já francês além do espanhol que era a língua materna. [...]

Só nos livros eu encontrava companhia que não me obrigava a ceder. [...]

Mudei de leituras e, de repente, passei a coisas mais substanciais, *Madame Bovary*, para começar. O estilo impunha-se, dava-me um arrepio uma bela frase, a literatura francesa era a preferida, com Dumas e Victor Hugo. *O Conde de Monte Cristo* e a série de José Balsemão pareciam-me deslumbrantes. Meu pai tinha trazido do Brasil uma enciclopédia universal onde eu encontrei os melhores textos do mundo. Viciiei-me na leitura, minha mãe achava que eu estava a isolar-me demasiado, a perder o contacto com a realidade.

Bessa-Luis, Agustina (2014). *O Livro de Agustina*, 2ª edição. Lisboa: Guerra e Paz, pp. 10, 51 (com supressões, sublinhados nossos)

**Nota:** Foi respeitada a grafia da edição consultada.

Marcas estruturais  
- Encaixe de  
sequências descritivas  
(espaços)

## PERCURSO DIDÁTICO

### Produção de texto autobiográfico com vista à sua publicação no jornal da região (Ensino Secundário, 11.º/12.º ano)

1. Num primeiro momento, os alunos pesquisam textos de caráter autobiográfico e analisam-nos em grupos de três elementos<sup>16</sup>. Será necessária uma sala de informática ou dispositivos de pesquisa. Outra opção será os alunos trazerem a pesquisa feita previamente.
2. Em grupo, são apresentadas as conclusões acerca dos aspetos organizacionais e linguísticos mais recorrentes nos textos analisados e projetadas as conclusões, através do quadro interativo, quando disponível. Pode optar-se por um momento de interação verbal para apresentação de conclusões, através de um porta-voz de grupo.
3. É distribuída aos alunos uma ficha de trabalho intitulada *À procura de uma autobiografia*. Os grupos, após leitura atenta, assinalam qual o trecho que consideram reunir as características mais recorrentes deste género de texto. A ficha é distribuída sem identificação dos textos (sem referências bibliográficas) – essa informação será fornecida no final da análise.

#### Ficha de trabalho

#### *À procura de uma autobiografia*



1. Não se pode dizer que o “realismo mágico” da escrita de José Saramago tenha tido muita sorte nas adaptações ao cinema, talvez porque a realidade mais ou menos tangível do cinema se dê mal com os surrealismos paredes-meias com o fantástico que o escritor gostava de explorar. Depois do esquecível *A Jangada de Pedra* de Georges Suizer e do esforço honesto de Fernando Meirelles com o *Ensaio sobre a cegueira*, é a vez do canadiano Denis Villeneuve se atirar ao *Homem Duplicado*, numa adaptação admirável em termos formais, controladíssima mas tão frustrante como as anteriores. Instalando o filme numa atmosfera de desorientação e inquietação, Villeneuve torna a história de um professor que descobre a existência de um seu sócia num quebra-cabeças algo estéril, paredes-meias com o cinema fantástico e apoiado numa interpretação rigorosíssima de Jake Gyllenhaal. Mas os problemas de adaptar Saramago mantêm-se, encerrando *O Homem Duplicado* num clima de pesadelo que parece esgotar em si próprio as potencialidades do filme, um mal-estar existencialista que o canadiano parece tecer sem esforço a partir do nada mas que elide qualquer tipo de explicação linear sem oferecer em troca mais do que um formalismo cuidado, finalmente oco.

Mourinha, Jorge, “Os problemas de adaptar Saramago”,  
<https://www.publico.pt/2014/06/19/culturaipsilon/critica/o-homem-duplicado-1659563>

<sup>16</sup> Num universo de 24 a 27 alunos sugere-se a organização da turma em oito ou nove grupos.



2. José surpreendeu-se com aquela mão seca, os ossos por baixo da pele lisa. No primeiro instante em que apertaram a mão, formigou um prurido elétrico em todos os pontos onde se tocaram. Os dedos de um envolveram a mão do outro, palmas coladas, sensibilidade máxima. A mão de Saramago era seca, nenhuma transpiração a atrasar o toque, era lisa, polida, os dedos de José deslizaram nessa pele. Não houve mais força do que a simples necessidade, não houve quente ou frio, apenas medidas certas que, por isso, não se notaram. O polegar de José tocou nas costas da mão de Saramago, veias salientes, altas, tendões que lhe articulavam os dedos. Na sombra cinzenta, durante um lampejo, as ramificações desenhadas nas costas da mão de Saramago pareceram de mármore. [...]

Como se tivesse mergulhado a mão noutro mundo, levava ainda a informação da pele, mas perdera qualquer abrigo perante aquela vigilância sem tréguas. A pele era humana, o olhar era inumano.

Peixoto, José Luís (2019). *Autobiografia*, Lisboa: Quetzal, pp. 42-43



3. O avô Teixeira, com todo o ar dostoiowskiano, casou em Março de 1867 com Justina, filha de José Bento de Bessa, do Lugar do Barral. Ele tinha 41 anos quando casou e ela 28, idade que, para uma noiva, era já um pouco avançada, nesse tempo. Explica-se isso porque Justina ficara enamorada desde os sete anos por José, com 20 anos, quando ele a ajudou a passar um ribeiro em dia de invernía e lhe disse que se casaria com ela, um dia. Esse dia chegou a 3 de Março de 1867. O casamento durou trinta e cinco anos, sem que se apagasse nunca a memória do amor da infância e o espírito duma união em que os elementos tiveram a sua parte mais sensível. É possível que fosse em Março que se viram pela primeira vez. Como em Março nasceram quatro dos seis filhos.

O rapazinho à direita é meu pai, Arthur Teixeira de Bessa, que foi para o Brasil aos doze anos, por efeito da ruína da casa de lavoura e duma questão perdida em tribunal. Amélia, que foi o modelo para *A Sibila*, tinha 17 anos quando o irmão partiu para o Rio de Janeiro, onde esteve vinte e cinco anos e fez fortuna considerável. Uma parte da Rua do Ouvidor pertencia-lhe. Era tempos airosos de fantasia para quem se fazia ao mundo. Eu tive de abrandar o espírito de aventura e do sabor do ganho não tirei partido. Porém, gosto do triunfo que, para ser desculpado, se diz que é aprovação de Deus.

Bessa-Luís, Agustina (2014). *O Livro de Agustina*, 2.ª edição. Lisboa: Guerra e Paz, pp. 10-11



4. Daquela mesma varanda, tempos mais tarde, namorei uma rapariga de nome Deolinda, mais velha do que eu três ou quatro anos, que morava num prédio de uma rua paralela, a Travessa do Calado, cujas traseiras davam para as da minha casa. Há que esclarecer que namoro, o que então se chamava namoro, dos de requerimento formal e promessas mais ou menos para durar (“A menina quer namorar comigo?”, “Pois sim, se são boas as suas intenções”), nunca o chegou a ser. Olhávamo-nos muito, fazíamos sinais, conversávamos de varanda para varanda por cima dos pátios intermédios e das cordas da roupa, mas nada de mais avançado em matéria de compromissos. Timido, acanhado, como me estava no carácter, fui algumas vezes a casa dela (vivia, creio recordar, com uns avós), mas, ao mesmo tempo, decidido a tudo ou ao que calhasse. Um tudo que daria em nada. Ela era muito bonita, de rostinho redondo, mas, para meu desprazer, tinha os dentes estragados, e, além do mais, deveria pensar que eu era demasiado jovem para empenhar comigo os seus sentimentos. Divertia-se um pouco à falta de pretendente idóneo, mas, ou muito enganado ando desde então, tinha pena de que a diferença de idades se notasse tanto. Em certa altura desisti da empresa. Ela tinha o apelido de Bacalhau, e eu, pelos vistos já sensível aos sons e aos sentidos das palavras, não queria que mulher minha fosse pela vida carregando com o nome de Deolinda Bacalhau Saramago.

José Saramago (2006). *As Pequenas Memórias*. Lisboa: Caminho, pp. 46-47

4. Finalmente, e após os alunos serem solicitados a fazer uma pesquisa familiar (de onde vieram os avós? Onde nasceram? Onde foram criados? Onde moravam? O que faziam? Que histórias ou curiosidades marcaram a família?), darão início à escrita da sua própria autobiografia.
5. Perante os textos produzidos, há que reler e verificar quais os localizadores utilizadas para situar, temporalmente, os acontecimentos (*ex.: depois/de seguida/pouco tempo depois/semanas antes/mais tarde/alguns anos depois*); há que verificar, igualmente, as inestéticas repetições e substituí-las por expressões equivalentes ou eliminá-las.
6. Os alunos reorganizam as ideias e produzem a versão final da sua autobiografia.
7. Momento de autoavaliação: os alunos avaliam a atividade, através de uma menção qualitativa, dando conta do cumprimento das características essenciais do género trabalhado. No final, fazem uma curta reflexão sobre a experiência introspectiva realizada.

#### Grelha de autoavaliação de produção de autobiografia

Itinerário do meu percurso autobiográfico	Suficiente	Bom	Muito Bom	A melhorar
Contei aspetos particulares da minha vida?				
Registei os acontecimentos e revesti-os de aspetos emocionais?				
Contei na 1.ª pessoa?				
Utilizei localizadores temporais e espaciais?				
Organizei o meu texto de acordo com uma ordem cronológica?				
Releí e melhorei o meu texto?				
O que senti ao realizar este trabalho?				

8. Depois de terem sido asseguradas as questões éticas relacionadas com a produção de textos de carácter autobiográfico, os alunos enviam os textos produzidos para o jornal da região.